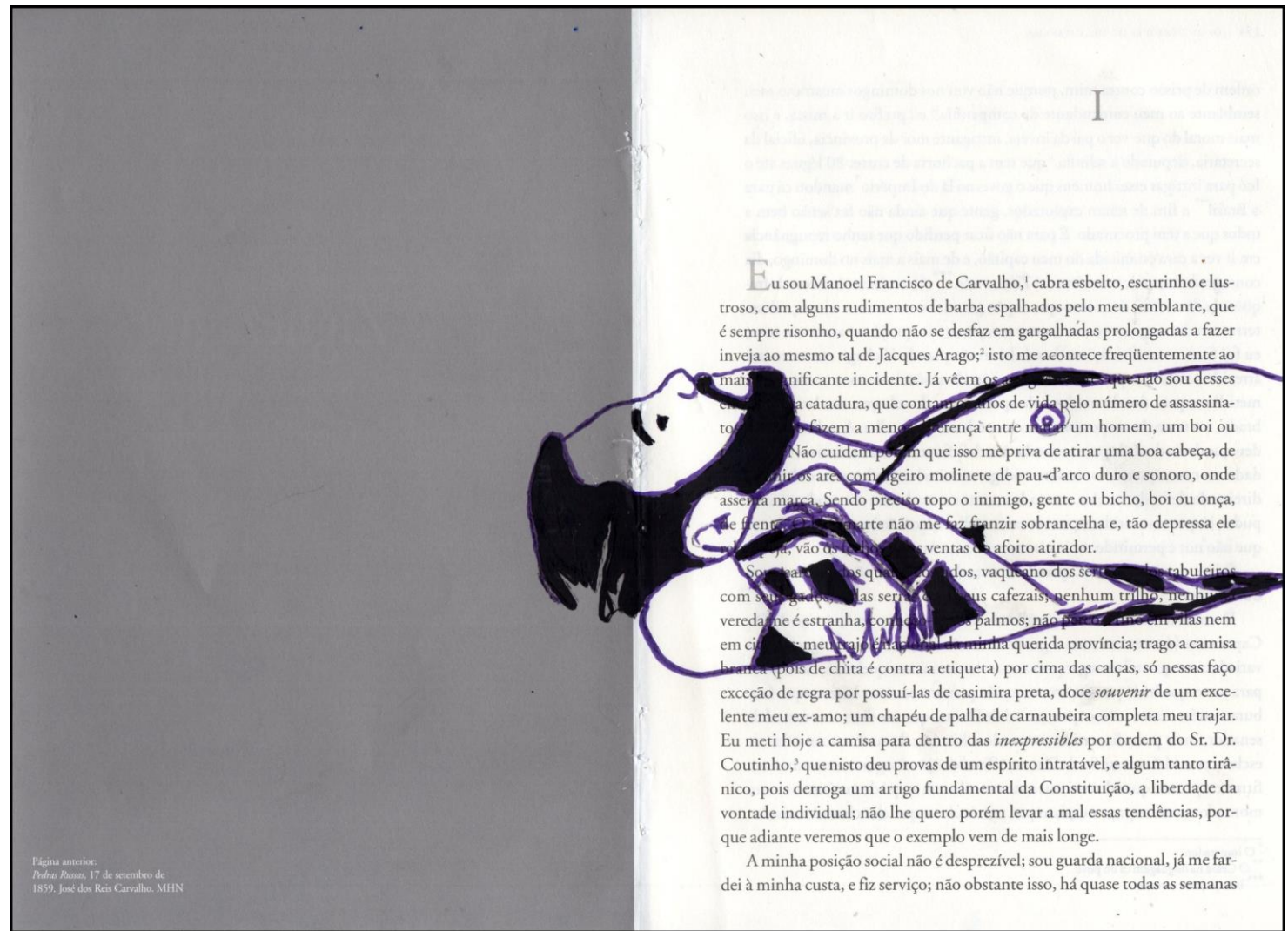


Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm

outono, inexoravelmente, teria de começar o curso secundário, o que na prática significava ter de matricular-se num ginásio em Granada ou em outro grande centro.

Aquí, Antonio Rodríguez Espinosa, professor primário em Fuente Vaqueros até 1901, entra de novo na história. Don Antonio havia penecido em Jaén até 1903, quando foi nomeado diretor de uma escola em Almería, na costa do Mediterrâneo, a uns cem quilómetros de Granada.⁴³ Naquela cidade viria a passar dez anos, dirigindo com sucesso várias escolas entregues a seus cuidados, até sua transferência para Madri, em 1913.

Em Almería, certamente com o fim de fazer um dinheirinho a mais (na Espanha, nesse tempo, os professores ganhavam uma miséria), Antonio Rodríguez adotara o expediente de aceitar, como pensionista, um pequeno número de meninos estudantes, supervisionando seus estudos dando aulas de reforço e de modo geral cuidando de seu bem-estar numa atmosfera doméstica e acolhedora. Os García Lorca, que não tinham perdido contato com o velho amigo, sabiam desse arranjo. Chegou a hora de Federico ingressar no curso secundário, resolveu-se que passaria um tempo com Don Antonio em Almería estudando num colégio particular conceituado, matriculando-se no Instituto (ginásio oficial) da cidade — essa matrícula era indispensável, embora os alunos pudessem estudar particularmente — e sendo auxiliado e preparado para o exame pelo ex-colega de sua mãe. Assim, em 28 de agosto de 1908, Federico fez sua inscrição no Instituto de Almería.⁴⁴ O exame de admissão, no qual foi aprovado, realizou-se em 21 de setembro. Constatou de um ditado de um pequeno trecho do *Dom Quixote* e um problema elementar de divisão.⁴⁵

Aqueles foram tempos de prosperidade para Almería, então com cerca de 50 mil habitantes, graças à exploração de seu minério de ferro e, em especial, à exportação maciça de frutas, principalmente para a Inglaterra. As relações entre Almería e esse país eram de tal modo estreitas que era comum os filhos dos ricos serem educados em escolas inglesas. Durante o ano inteiro um vapor semanal ligava a cidade a Liverpool e a Londres, e na época da safra das famosas uvas da região saíam três ou quatro embarcações por dia.⁴⁶ Nessas circunstâncias, era conclusão inevitável que a cidade

necessitava de um colégio particular de alta categoria, ainda mais que a burguesia local considerava o Instituto um perigoso viveiro de liberalismo e ideias “progressistas”.⁴⁷ Em 1888, para atender a essa demanda, fundou-se o Colégio de Jesus (apesar do nome, não era de jesuítas), onde o jovem Lorca começou seu curso ginasial.

O pouco que sabemos sobre o breve período do futuro poeta em Almería provém quase unicamente das memórias, em grande parte inéditas, de Antonio Rodríguez Espinosa, escritas já na velhice.

Nelas somos informados de que quando Federico chegou para morar com Don Antonio, dois de seus primos de Fuente Vaqueros já eram pensionistas do professor e de sua mulher, o que deve ter diminuído uma possível nostalgia do lar. Todos os domingos o bondoso mestre levava seus tutelados a passeios pelo campo ou à beira-mar, valendo-se dessas digressões para lhes incutir o que costumava chamar de “um pouco de conhecimento prático”. Recordando essas excursões dominicais, Rodríguez Espinosa comenta que em tais ocasiões Federico nunca deixava uma pergunta sem resposta. “As respostas podiam estar certas ou erradas”, conta o velho professor, “mas infalivelmente eram prontas e engenhosas.”⁴⁸

Aquí surge uma dúvida: teria a breve estadia de Lorca em Almería (não existe indício de que ele haja voltado alguma vez) deixado alguma impressão duradoura? A única vez em que a cidade é diretamente mencionada em sua obra ocorre na balada “La monja gitana”, na qual há uma alusão aos doces fabricados em certos conventos de Granada com as frutas cítricas por que Almería, com seu clima subtropical, é famosa.⁴⁹ Francisco García Lorca sugere que em outra balada do irmão, “Tamar y Amnon”, há talvez uma reminiscência do aspecto quase africano da cidade, cuja fortaleza moura e as muralhas ameaçadas, evocativas do Levante, impressionaram Gerald Brenan, em 1920, “como uma ilustração de um livro de viagens pelo Oriente”.⁵⁰

Numa carta ao escritor José Bergamín, Lorca diz que Almería, na aspe-reza de seu clima e na cor de açafrão de sua poeira, o leva a pensar na Argélia;⁵¹ e pode-se acrescentar que os fatos reais que inspiraram *Bodas de sangre* aconteceram em 1928 a trinta quilómetros a leste de Almería, perto





Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm

XXVIII

1510) Ainda Mananjary (topografia). – Tard. – Algas. Sua distribuição variando em pequena distâncias. – Jáson frugal. – Bem diferenciado quantitativa e qualitativa. – Continuista ao Sr. Dasmas. – Prefere das águas para que haja bastante sal, como almorosa para a região de Fortaleza (na sua infância), como casca melancia da região de Fortaleza e de Fortaleza para a região de Fortaleza. – Como e que dizem o que o presidente de espere. – O Sr. Dasmas. Estado em que a excursão prossegue.

Tornamos ao Muzaca em outra viagem, e a que realmente me não sei bem se coisa pior; foi de fotografico. A primeira coisa que me veio a cabeça, como a cabeça de uma pedra para outra; imortalizaram-se, como fossem caedres do povo, filhos de folha coqueiros, a arborizava com que defendem os domínios e a herança da poderosa história. As ruínas de Sebastopol iniciadas ao vício da

Depois disto foi o parto armado de pedolito fazer a sua que comosme por noite 11 garrafas de febre vento azeit de carb. padral. empregado um aticador de candeeiro, melilite 305 mg/ml, com homem feliz que tem na torre mulher, ta e uma rêsua de noite, que ao mesmo tempo diligência a nobre arte da validação, a fim de se tornarem antigos ao Estado. O pai só se queixa de que cada candeeiro seja de quatro torcidas, o que lhe dá insano trabalho a espectar.

Achada a medição dos ângulos entre os pontos que se avisavam do farol, passamos à pesca de algas. Como era preciso andar por cima de pedras molhadas e entrar dentro d'água, o parto não teve dúvidas, foi-se logo pondo de pé no chão, isto nas pedras mais próximas à praia; não em coisa muito agradável, porque então completamente cobertas de um pequeno marisco

peço (*Mytilus*). As mais são escorepediça. Nos poços havia formas de algas que ainda se não conheciam no Brasil, entre estas algumas *Calanqua* e *Chlorocytis* achadas nas Antilhas, outras do mar Vermelho; aparece também ali uma *Valoniopsis*, rara naquela paragem; as floríferas com seu belo *triflorum* encarado são mal representadas; predominam as formas verdes, entre as quais uma *Physosira*, o que é um verdadeiro ornato. Também a distribuição das espécies sofreu sua modificação, conforme as pedras sobre que nascem; assim, perto de alhandra, ao norte, se encontra grande abundância de *Acanthopora* e raras *Chlorocytis*. No promontório imediatamente o inverso. A colheita foi feita

algumas variedades são comuns.

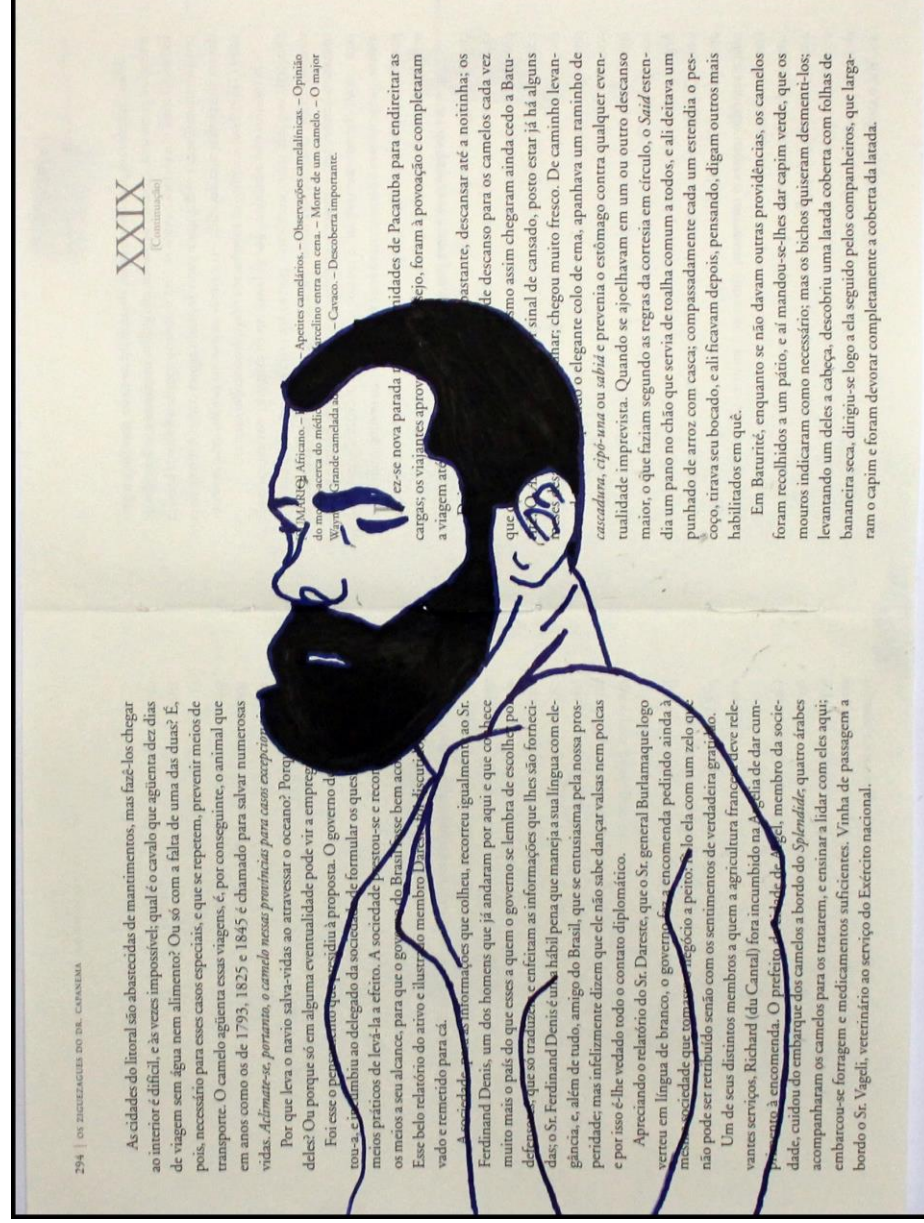
Essa tarde pode dizer alguns horas enquanto a maré se achava de vazar quando o Sr. Dasmas foi a encher, fomos encorados para casa, onde aguardamos um bofe de água foi peixe cozido em água e sal, pão e café. Eis as que se chappi, bem ali a banquete nessas cabanas! Para honrar o hospede, que se grande homem em vez de bebida usual, a partir da caçapa, apresento-se a tinta de *Physosira* nacionalidade mista, luso-brasileira; o libano português, o europeu e português e a cana brasileira, com alguns equivalentes de água de *Physosira*, que se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico, que se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico, que se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico,

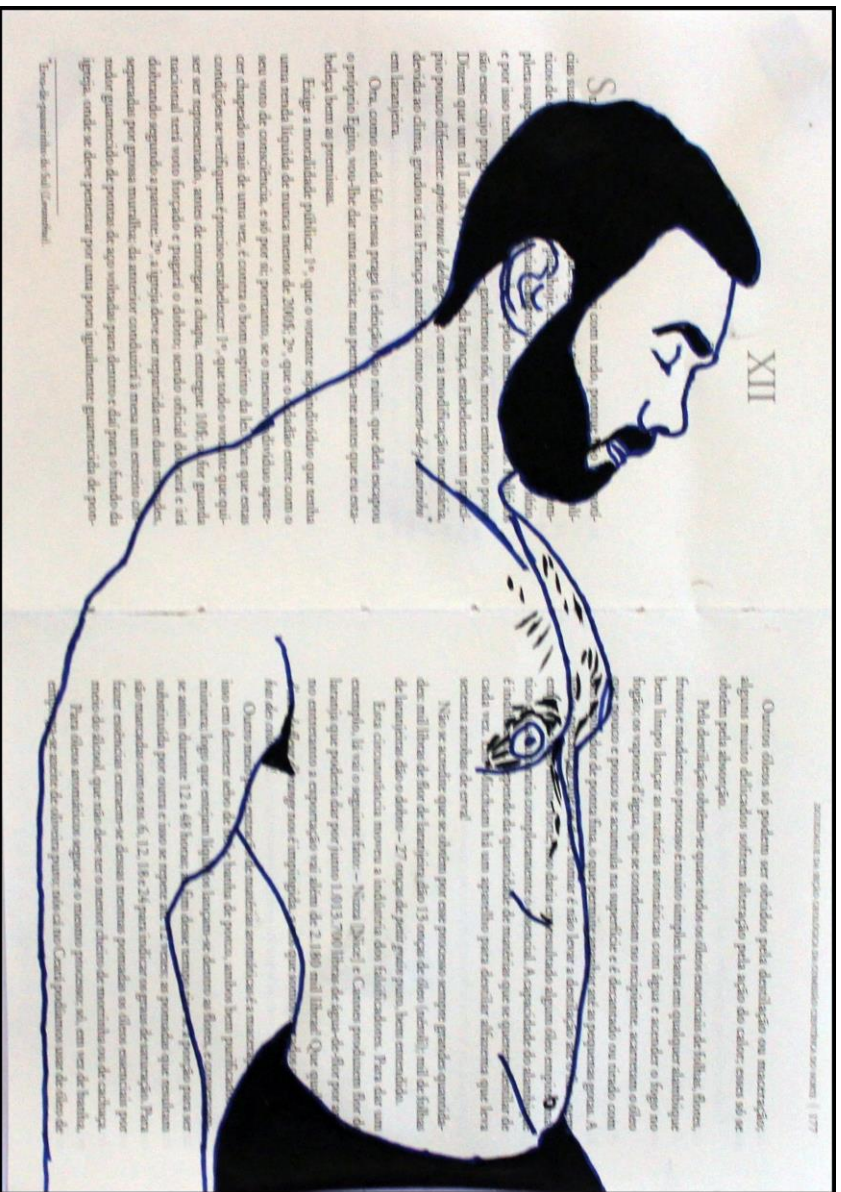
Em quanto se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico, que se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico, que se demora no limbo, e por causa do nome o composto artístico,

Alguns, o que são algas nesta vida? perguntaria mais de um homem insano (ponto de parte os incoltas do Sengão) que não compreende que valor tem para ter um limo verde ou pardacento, que torna escorepediça as pedras do mar. Não sei, ou que como longe da vida marca nas nossas praias o lugar arte onde roiam as epinemas das resacas; coxim escuro que se abate sob as pedras dos raios solares, após os quais nem o vento o deliz, embebendo-se de nauseabundo cheiro de maré.

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde** Caneta Permanente sobre pagina de Livro , 2020 34 x 38 cm

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro , 2020
34 x 38 cm





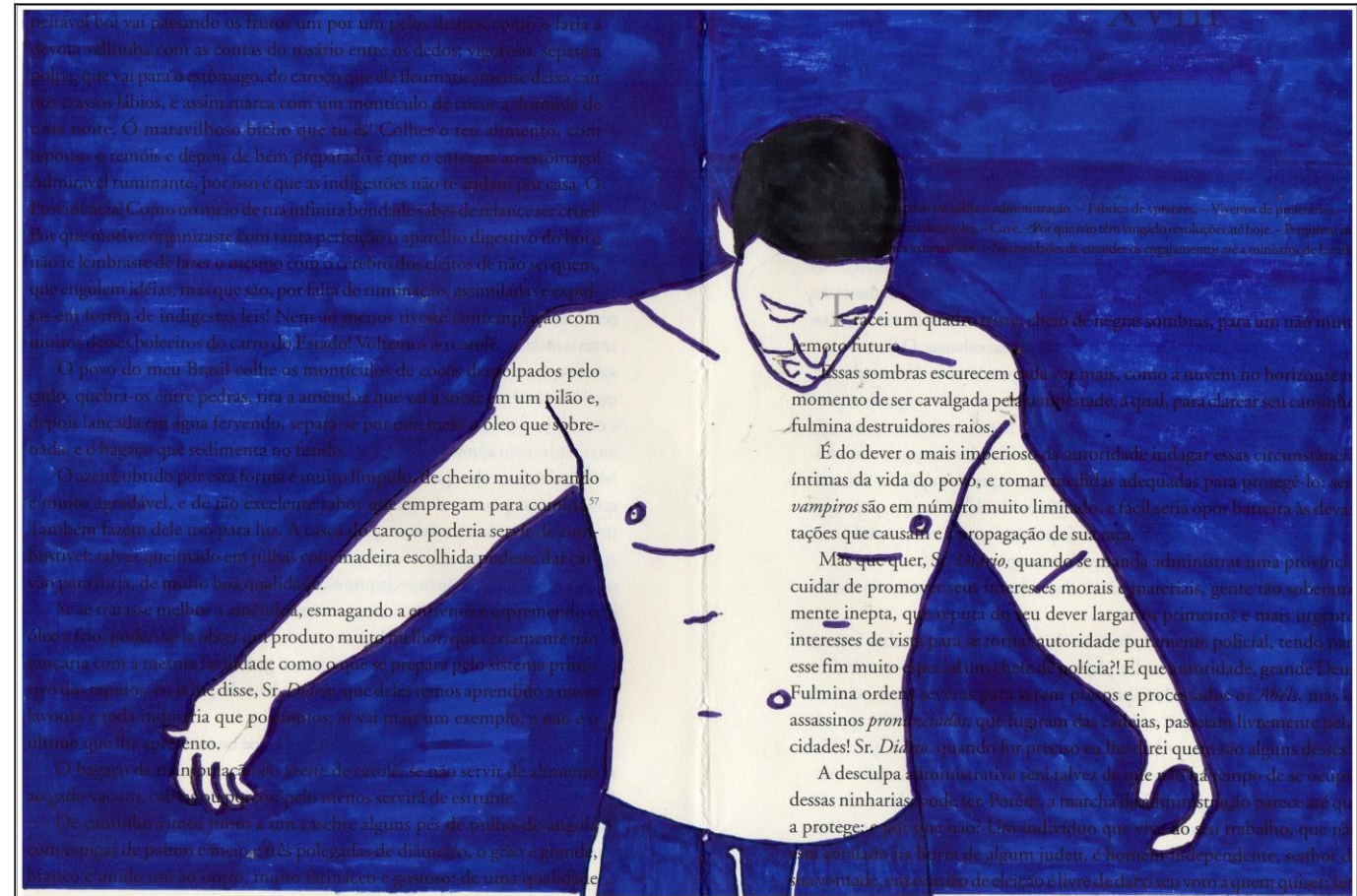
Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro , 2020
34 x 38 cm

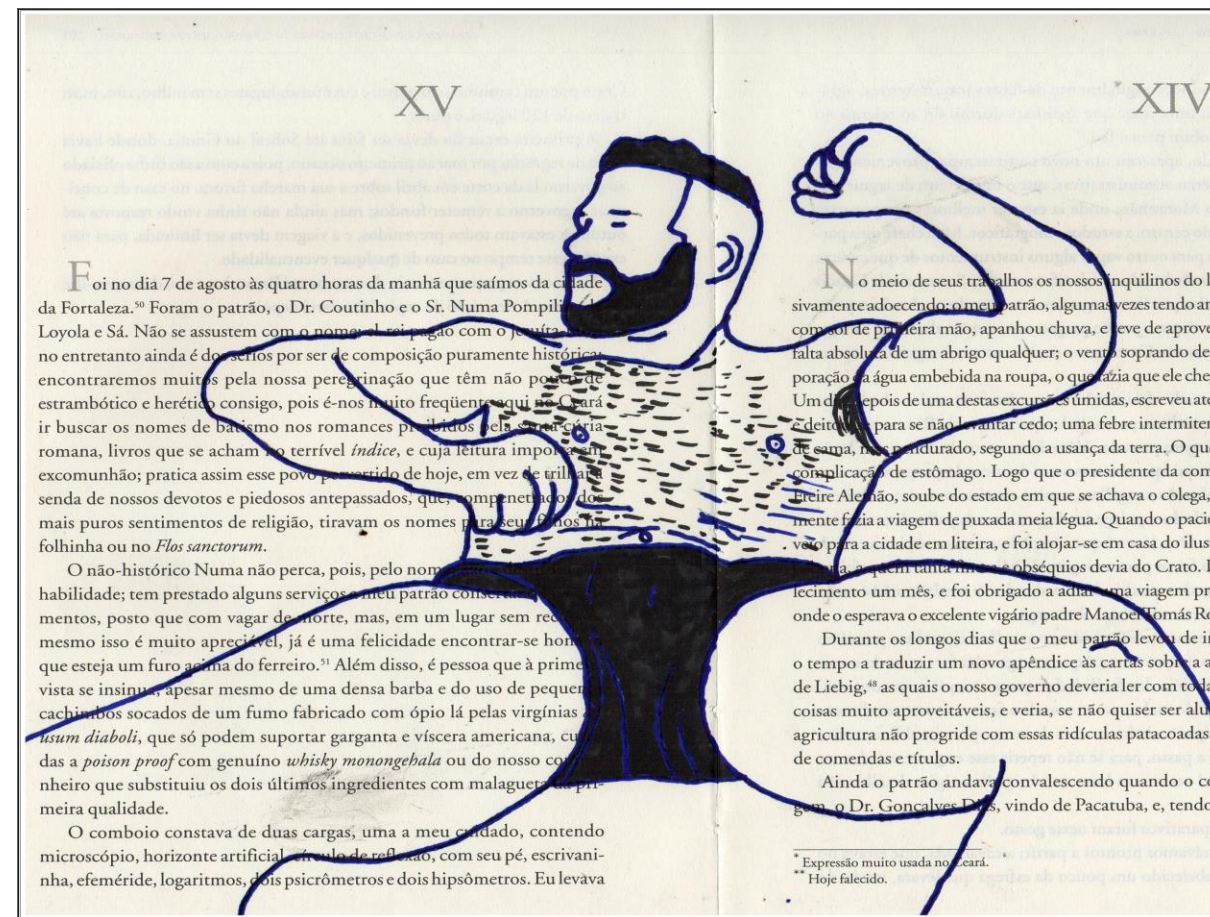
Anderson Morais, Desenhos de fim de Tarde
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm





Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



XV

Foi no dia 7 de agosto às quatro horas da manhã que saímos da cidade da Fortaleza.⁵⁰ Foram o patrão, o Dr. Coutinho e o Sr. Numa Pompilius Loyola e Sá. Não se assustem com o nome, foi pago com o jeitinho que no entretanto ainda é dos sérios por ser de composição puramente histórica; encontraremos muitos pela nossa peregrinação que têm não por ser de estrambótico e herético consigo, pois é-nos muito frequente aqui no Ceará ir buscar os nomes de batismo nos romances produzidos pela escola gótica romana, livros que se acham no terrível *Índice*, e cuja leitura impõe-se em excomunhão; pratica assim esse povo por herido de hoje, em vez de trilhar a senda de nossos devotos e piedosos antepassados, que, com penetração de mais puros sentimentos de religião, tiravam os nomes para seus filhos na folhinha ou no *Flos sanctorum*.

O não-histórico Numa não perca, pois, pelo nome, a sua inteligência e habilidade; tem prestado alguns serviços ao meu patrão com seus conhecimentos, posto que com vagar de morte, mas, em um lugar sem recursos, mesmo isso é muito apreciável, já é uma felicidade encontrar-se honrado que esteja um furo acima do ferro.⁵¹ Além disso, é pessoa que à primeira vista se insinua, apesar mesmo de uma densa barba e do uso de pequenas cachimbos socados de um fumo fabricado com ópio lá pelas virgínicas *usum diaboli*, que só podem suportar garganta e víscera americana, cujas das a *poison proof* com genuíno *whisky monongehala* ou do nosso condeinho que substituiu os dois últimos ingredientes com malagueta da primeira qualidade.

O comboio constava de duas cargas, uma a meu cuidado, contendo microscópio, horizonte artificial, círculo de reflexão, com seu pé, escrivaniha, efeméride, logaritmos, dois psicrômetros e dois hipsômetros. Eu levava

XIV

No meio de seus trabalhos os nossos inquilinos do lado direito estavam lentamente adoecendo; o meu patrão, algumas vezes tendo ancomsol de primeira mão, apanhou chuva, e teve de aproveitar a oportunidade para se abrigar em algum lugar; o vento soprando de direção oposta à água embebida na roupa, o que fazia que ele chegasse a um ponto depois de uma destas excursões tímidas, escreveu até a noite para se não levantar cedo; uma febre intermitente tomou conta dele, mas não durado, segundo a usança da terra. O que complicação de estômago. Logo que o presidente da comissão de Breire Alemanha, soube do estado em que se achava o colega, imediatamente fez a viagem de puxada meia légua. Quando o paciente chegou para a cidade em liteira, e foi alojado em casa do illustre doutor, a quem tanta importância os obséquios devia do Crato. E falecimento um mês, e foi obrigado a adiar a sua viagem por onde o esperava o excelente vigário padre Manoel Tomás Rodrigues.

Durante os longos dias que o meu patrão levou de inatividade, o tempo a traduzir um novo apêndice às cartas sobre a agricultura de Liebig,⁵² as quais o nosso governo deveria ler com toda a atenção, coisas muito aproveitáveis, e veria, se não quiser ser aliar a agricultura não progride com essas ridículas patacoadas de comendas e títulos.

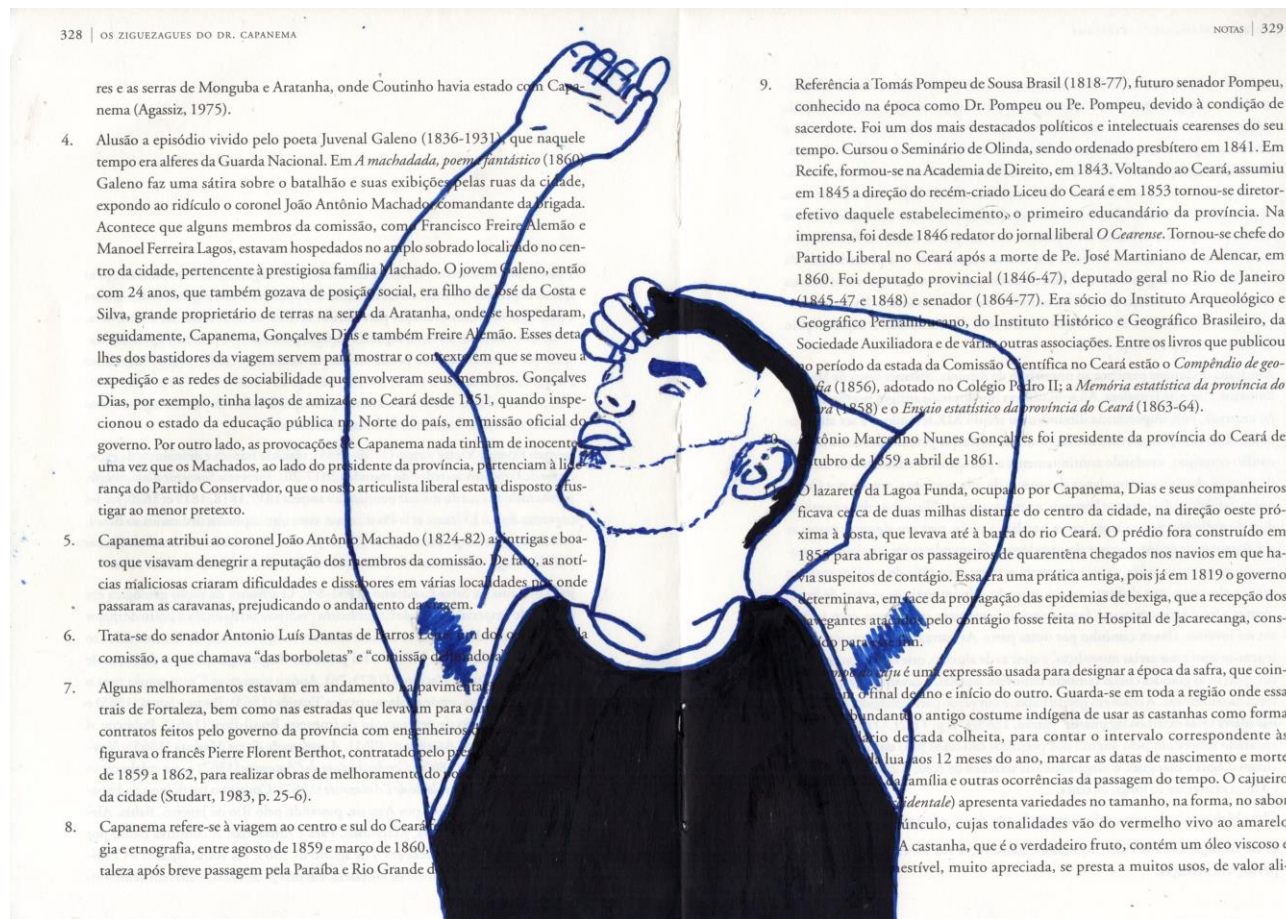
Ainda o patrão andava convalescendo quando o conde chegou o Dr. Gonçalves Dias, vindo de Pacatuba, e, tendo

⁵⁰ Expressão muito usada no Ceará.
⁵¹ Hoje falecido.

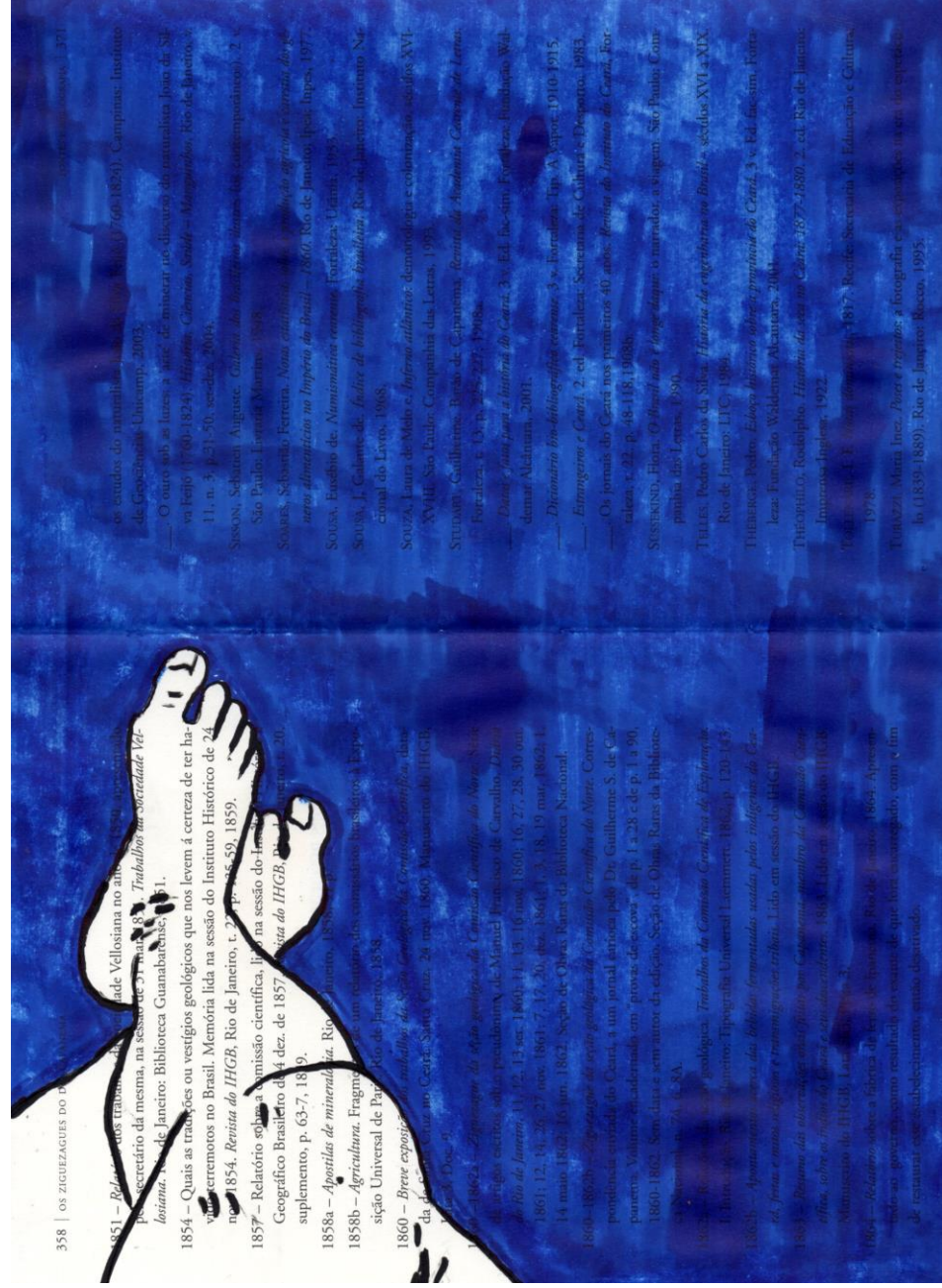
res e as serras de Monguba e Aratanha, onde Coutinho havia estado com Capanema (Agassiz, 1975).

4. Alusão a episódio vivido pelo poeta Juvenal Galeno (1836-1931) que naquele tempo era alferes da Guarda Nacional. Em *A machadada, poema fantástico* (1869) Galeno faz uma sátira sobre o batalhão e suas exhibições pelas ruas da cidade, expondo ao ridículo o coronel João Antônio Machado, comandante da brigada. Acontece que alguns membros da comissão, como Francisco Freire Alemão e Manoel Ferreira Lagos, estavam hospedados no amplo sobrado localizado no centro da cidade, pertencente à prestigiosa família Machado. O jovem Galeno, então com 24 anos, que também gozava de posição social, era filho de José da Costa e Silva, grande proprietário de terras na serra da Aratanha, onde se hospedaram, seguidamente, Capanema, Gonçalves Dias e também Freire Alemão. Esses detalhes dos bastidores da viagem servem para mostrar o contexto em que se moveu a expedição e as redes de sociabilidade que envolveram seus membros. Gonçalves Dias, por exemplo, tinha laços de amizade no Ceará desde 1851, quando inspecionou o estado da educação pública no Norte do país, em missão oficial do governo. Por outro lado, as provocações de Capanema nada tinham de inocentes, uma vez que os Machados, ao lado do presidente da província, pertenciam à liderança do Partido Conservador, que o nosso articulista liberal estava disposto a investigar ao menor pretexto.
5. Capanema atribui ao coronel João Antônio Machado (1824-82) as intrigas e boatos que visavam denegrir a reputação dos membros da comissão. De fato, as notícias maldiciosas criaram dificuldades e dissabores em várias localidades no onde passaram as caravanas, prejudicando o andamento da viagem.
6. Trata-se do senador Antonio Luís Dantas de Barros Estácio, um dos membros da comissão, a que chamava “das borboletas” e “comissão de borboletas”.
7. Alguns melhoramentos estavam em andamento na pavimentação das ruas de Fortaleza, bem como nas estradas que levavam para outros pontos da província. Os contratos feitos pelo governo da província com engenheiros estrangeiros figurava o francês Pierre Florent Berthot, contratado pelo presidente da província de 1859 a 1862, para realizar obras de melhoramento do sistema de saneamento da cidade (Stuart, 1983, p. 25-6).
8. Capanema refere-se à viagem ao centro e sul do Ceará em uma expedição de etnografia, entre agosto de 1859 e março de 1860, para estudar a geografia e a riqueza após breve passagem pela Paraíba e Rio Grande do Norte.
9. Referência a Tomás Pompeu de Sousa Brasil (1818-77), futuro senador Pompeu, conhecido na época como Dr. Pompeu ou Pe. Pompeu, devido à condição de sacerdote. Foi um dos mais destacados políticos e intelectuais cearenses do seu tempo. Cursou o Seminário de Olinda, sendo ordenado presbítero em 1841. Em Recife, formou-se na Academia de Direito, em 1843. Voltando ao Ceará, assumiu em 1845 a direção do recém-criado Liceu do Ceará e em 1853 tornou-se diretor-efetivo daquele estabelecimento, o primeiro educandário da província. Na imprensa, foi desde 1846 redator do jornal liberal *O Cearense*. Tornou-se chefe do Partido Liberal no Ceará após a morte de Pe. José Martiniano de Alencar, em 1860. Foi deputado provincial (1846-47), deputado geral no Rio de Janeiro (1845-47 e 1848) e senador (1864-77). Era sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora e de várias outras associações. Entre os livros que publicou no período da estada da Comissão Científica no Ceará estão o *Compêndio de geografia* (1856), adotado no Colégio Pedro II; a *Memória estatística da província do Ceará* (1858) e o *Ensaio estatístico da província do Ceará* (1863-64).

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
 Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
 34 x 38 cm



358 | OS ZIGZAGUES DO TEMPO E DA MEMÓRIA

1851 – Relatório dos trabalhos da Comissão de Vellosoiana no ano de 1850. Rio de Janeiro: Secretaria do Secretário da mesma, na sessão de 27 maio 1851. **Trabalhos da sociedade Vellosiana.** Rio de Janeiro: Biblioteca Guanabara, 1971.

1854 – Quais as tradições ou vestígios geológicos que nos levem à certeza de ter havido terremotos no Brasil. Memória lida na sessão do Instituto Histórico de 24 maio 1854. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t. 2, p. 85-89, 1859.

1857 – Relatório sobre a comissão científica, lido na sessão do Instituto Histórico de 4 dez. de 1857. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t. 2, suplemento, p. 63-7, 1859.

1858a – *Apostilas de mineralogia*. Rio de Janeiro, 1858.

1858b – *Agricultura*. Fragmento de um relatório dos comissários Insulativos e Expedicionários do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1858.

1860 – *Breve exposição dos trabalhos do Sympósio de Evolução Geológica*. Livro da exposição do Ceará. Santa Cruz, 24 maio 1860. Museu do IHGB, Rio de Janeiro, Doc. 9.

1862 – *Zapereços do Estado geológico da Comissão Científica do Norte*. São Paulo: Imprensa Nacional, 1862.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 13. 16 maio 1860, 16, 27, 28, 30 out. 1861, 12, 14, 26, 27 maio 1863, 7, 17, 30, dez. 1860, 1, 3, 18, 19 mar. 1862, 1, 14 maio 1862, 15 jun. 1862. Seção de Obras Raras da biblioteca Nacional.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Norte*. Correpondência enviada do Ceará, a um jornal carioca pelo Dr. Guilherme S. de Sa. parnaíba. Volume em anexo em: *gravações de escovas*, de p. 1 a 29 e de p. 1 a 90, 1860-1862. São data e terminação da edição. Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1862.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 120-123.

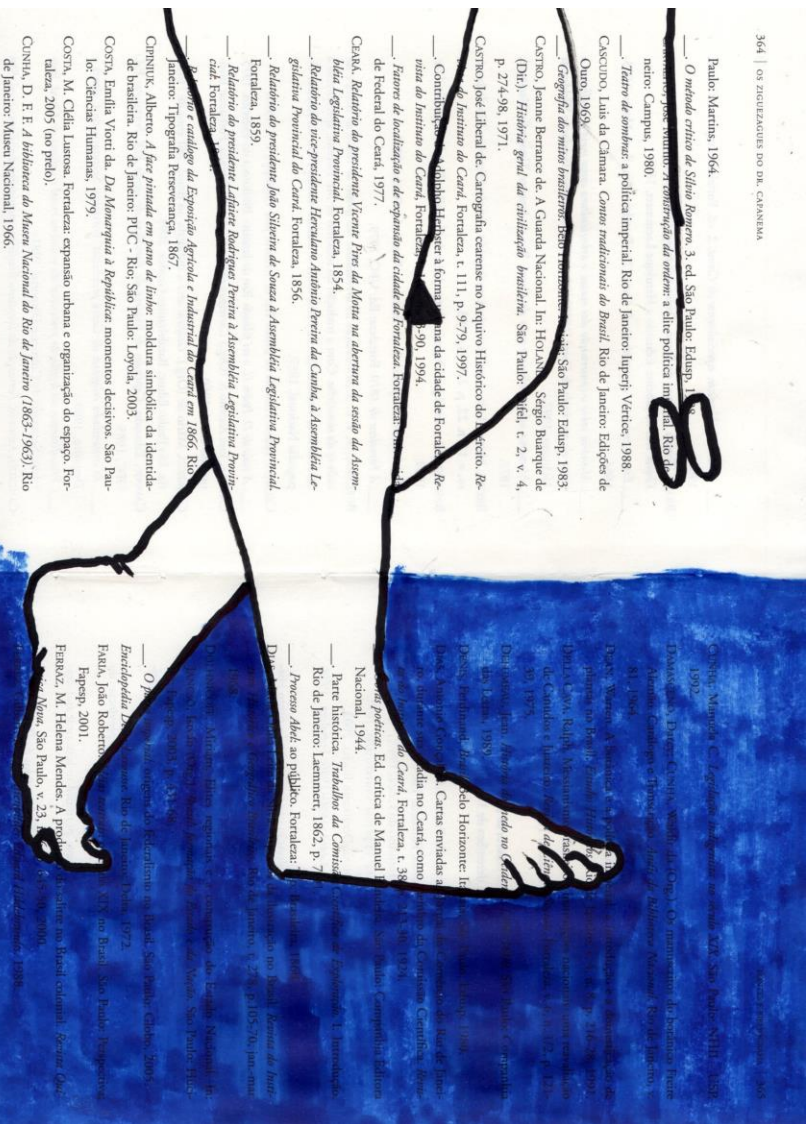
1862 – *Apontamentos sobre as biblias formadas usadas pelo município de Fortaleza, Ceará, sobre o município de Fortaleza e suas dependências*. 1862. Livro da exposição do IHGB, Rio de Janeiro, 1862.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 120-123.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 120-123.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 120-123.

1862 – *Relatório sobre o trabalho da Comissão Científica do Ceará*. Livro da exposição do Ceará, 13 mar. 1862, p. 120-123.



Paulo Martins, 1964.

—, *O mistério crítico de Sílvia Rougem*, 3. ed. São Paulo: Edusp, 1988.

—, *Tratado de ambientação política imperial*. Rio de Janeiro: Impetif, Vertice, 1988.

—, *Tratado de ambientação política imperial*. Rio de Janeiro: Impetif, Vertice, 1988.

—, *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

CASTRO, Jeanne Betancourt de A. Guarda Nacional. In: *Horácio, Sérgio*. Baraque de (D). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Impetif, t. 2, v. 4, p. 274-98, 1971.

CASTRO, José Liberal de. Cartografia cearense no Arquivo Histórico do Arquivo. *Relatório do Instituto do Ceará*. Fortaleza, t. 111, p. 9-29, 1997.

—, *Contribuição de Antônio Heráclito à formação da cidade de Fortaleza*. *Relatório do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 110, p. 90, 1994.

—, *Fatores de industrialização e de expansão da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: UFFC, 1977.

CEARÁ. *Relatório do presidente Vicente Pirri da Moura na abertura da sessão da Assembleia Legislativa Provincial*. Fortaleza, 1854.

—, *Relatório do vice-presidente Horatiano Antônio Pereira da Cunha, à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará*. Fortaleza, 1856.

—, *Relatório do presidente João Silveira de Souza à Assembleia Legislativa Provincial*. Fortaleza, 1859.

—, *Relatório do presidente Leôncio Rodrigues Pereira à Assembleia Legislativa Provincial*. Fortaleza, 1867.

—, *Relatório do presidente Leôncio Rodrigues Pereira à Assembleia Legislativa Provincial*. Fortaleza, 1867.

CRISPINO, Alberto. *A fave pintada em pau de linho: modula simbólica da identidade de brasileira*. Rio de Janeiro: PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

COSTA, Emília Vioni da. *De Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Círculo Humanas, 1979.

COSTA, M. Célia Lustosa. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. Fortaleza, 2005 (no prelo).

CUNHA, D. E. F. *A biblioteca da Moura Nacional do Rio de Janeiro (1863-1963)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1966.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

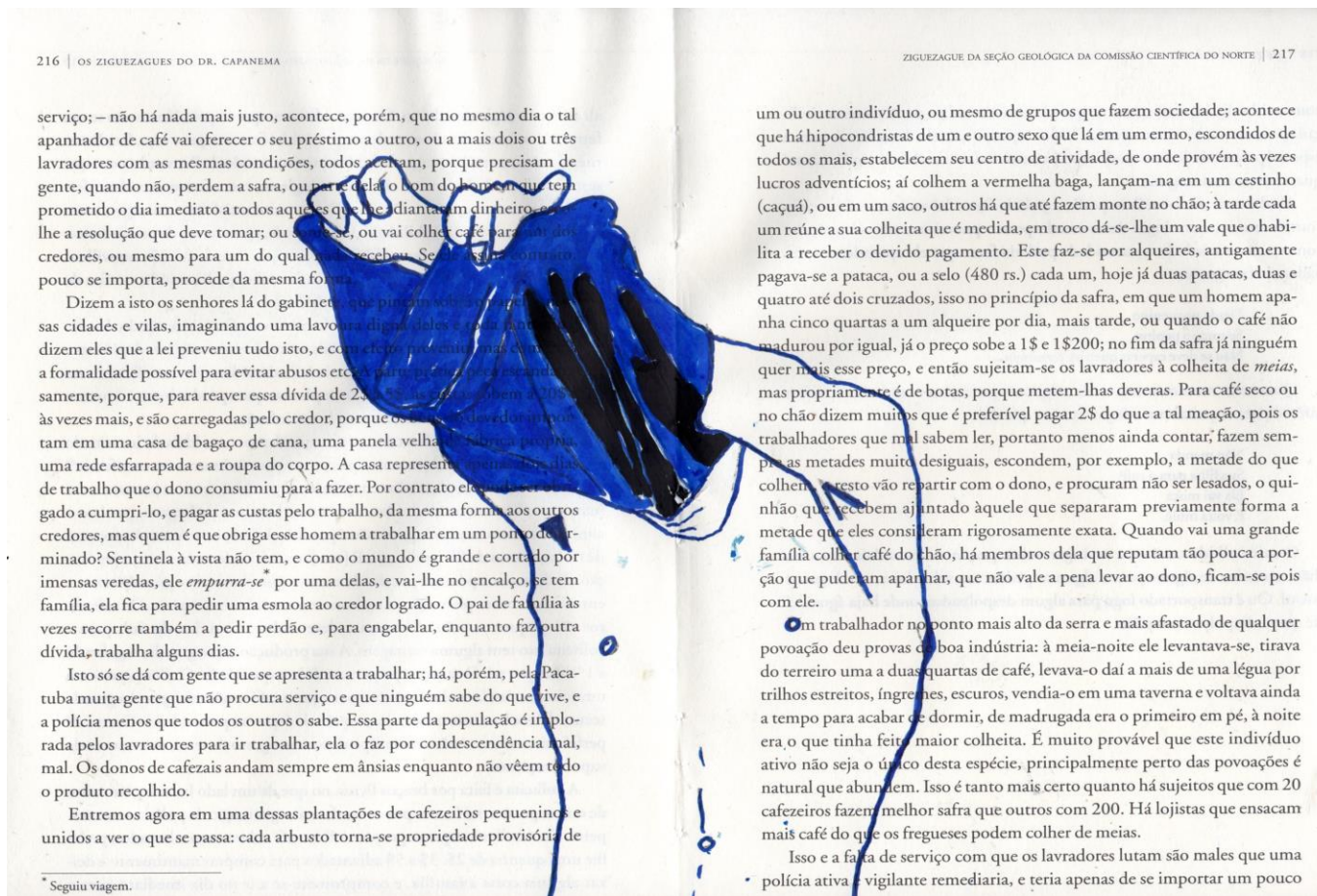
Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Castro, Jeanne de A. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



serviço; — não há nada mais justo, acontece, porém, que no mesmo dia o tal apanhador de café vai oferecer o seu préstimo a outro, ou a mais dois ou três lavradores com as mesmas condições, todos aceitam, porque precisam de gente, quando não, perdem a safra, ou parte dela; o bom do homem que tem prometido o dia imediato a todos aqueles que lhe pediram dinheiro, pede-lhe a resolução que deve tomar; ou aceita, ou vai colher café para os seus credores, ou mesmo para um do qual não recebeu. Se a safra não tem um pouco se importa, procede da mesma forma.

Dizem a isto os senhores lá do gabinete, que vivem nos grandes centros das cidades e vilas, imaginando uma lavoura digna deles e não a que existe, dizem eles que a lei preveniu tudo isto, e com efeito preveniu, mas não com a formalidade possível para evitar abusos etc. A parte pobre da população, naturalmente, porque, para reaver essa dívida de 200 rs. que lhe foi emprestada às vezes mais, e são carregadas pelo credor, porque os lavradores vivem em uma casa de bagaço de cana, uma panela velha, e algumas vezes sem uma rede esfarrapada e a roupa do corpo. A casa representa apenas alguns dias de trabalho que o dono consumiu para a fazer. Por contrato ele não se obrigou a cumpri-lo, e pagar as custas pelo trabalho, da mesma forma aos outros credores, mas quem é que obriga esse homem a trabalhar em um ponto determinado? Sentinela à vista não tem, e como o mundo é grande e cortado por imensas veredas, ele *empurra-se* por uma delas, e vai-lhe no encalço, se tem família, ela fica para pedir uma esmola ao credor logrado. O pai de família às vezes recorre também a pedir perdão e, para engabelar, enquanto faz outra dívida, trabalha alguns dias.

Isto só se dá com gente que se apresenta a trabalhar; há, porém, pela Pacatuba muita gente que não procura serviço e que ninguém sabe do que vive, e a polícia menos que todos os outros o sabe. Essa parte da população é empregada pelos lavradores para ir trabalhar, ela o faz por condescendência mal, mal. Os donos de cafezais andam sempre em ânsias enquanto não vêm todo o produto recolhido.

Entremos agora em uma dessas plantações de cafezeiros pequeninos e unidos a ver o que se passa: cada arbusto torna-se propriedade provisória de

* Seguiu viagem.

um ou outro indivíduo, ou mesmo de grupos que fazem sociedade; acontece que há hipocondristas de um e outro sexo que lá em um ermo, escondidos de todos os mais, estabelecem seu centro de atividade, de onde provém às vezes lucros adventícios; aí colhem a vermelha baga, lançam-na em um cestinho (caçudá), ou em um saco, outros há que até fazem monte no chão; à tarde cada um reúne a sua colheita que é medida, em troca dá-se-lhe um vale que o habilita a receber o devido pagamento. Este faz-se por alqueires, antigamente pagava-se a pataca, ou a selo (480 rs.) cada um, hoje já duas patacas, duas e quatro até dois cruzados, isso no princípio da safra, em que um homem apanha cinco quartas a um alqueire por dia, mais tarde, ou quando o café não madurou por igual, já o preço sobe a 1\$ e 1\$200; no fim da safra já ninguém quer mais esse preço, e então sujeitam-se os lavradores à colheita de *meias*, mas propriamente é de botas, porque metem-lhas de veras. Para café seco ou no chão dizem muitos que é preferível pagar 2\$ do que a tal meação, pois os trabalhadores que mal sabem ler, portanto menos ainda contar, fazem sempre as metades muito desiguais, escondem, por exemplo, a metade do que colhem, e o resto vão repartir com o dono, e procuram não ser lesados, o quinhão que recebem ajuntado àquele que separaram previamente forma a metade que eles consideram rigorosamente exata. Quando vai uma grande família colher café do chão, há membros dela que reputam tão pouca a porção que puderam apanhar, que não vale a pena levar ao dono, ficam-se pois com ele.

Um trabalhador no ponto mais alto da serra e mais afastado de qualquer povoação deu provas de boa indústria: à meia-noite ele levantava-se, tirava do terreiro uma a duas quartas de café, levava-o daí a mais de uma légua por trilhos estreitos, fregueses, escuros, vendia-o em uma taverna e voltava ainda a tempo para acabar de dormir, de madrugada era o primeiro em pé, à noite era o que tinha feito a maior colheita. É muito provável que este indivíduo ativo não seja o único desta espécie, principalmente perto das povoações é natural que abundem. Isso é tanto mais certo quanto há sujeitos que com 20 cafezeiros fazem melhor safra que outros com 200. Há lojistas que ensacam mais café do que os fregueses podem colher de meias.

Isso e a falta de serviço com que os lavradores lutam são males que uma polícia ativa e vigilante remediaria, e teria apenas de se importar um pouco

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm



tringir a especulação financeira e equilibrar o orçamento. No Ceará, qualquer medida do gênero era praticamente inviável, uma vez que a receita e a despesa dos municípios, apesar de serem teoricamente fiscalizadas pela Assembléia Provincial, na prática eram de difícil controle, sendo impossível garantir sua exatidão (Brasil, 1863, t. 1, p. 716-21).

70. O Diabo tem muitos apelidos, devido à crença de que não se deve dizer seu verdadeiro nome para não o atrair: Bode, Canhoto, Cão, Capa Verde, Capeta, Capiroto, Coxo, Demo, Excomungado, Fute, Figura, Maioral, Malino, Moleque, Pedro Botelho, Preto, Tinhoso, entre outros (Barroso, 1921, p. 574-9; Cirão, 2003, p. 128).
71. José Antonio da Costa e Silva, o proprietário do sítio Boa Vista, na Pacatuba, foi o pai de Juvenal Galeno. Como muitos de seus contemporâneos, era maçom e frequentava, ainda nos anos de 1840, uma loja em Fortaleza, da qual foi venerável o Pe. Antonio da Silva Castro, tendo como vigilantes os padres Carlos Augusto Peixoto de Alencar e Manuel Severino Duarte. João Brígido conta que, durante a iniciação de José da Costa e Silva, o interrogatório caiu sobre a religião que ele professava, ao que ele respondeu que era ateu, provocando gargalhada geral, diante dos clérigos presentes. "Nessas casas instituiu-se, como regra, que toda solenidade festiva tivesse por epílogo o alforriamento de algumas escravas; e foi assim que muitas receberam ali as suas cartas de liberdade" (Brígido, 1969, p. 141-9).
72. Galeno iniciou-se na literatura quando de sua permanência no Rio de Janeiro, na década de 1850, onde frequentou os salões literários e a famosa casa de Paula Brito, que reunia jovens expoentes como Machado de Assis e Quintino Bonfina, ao lado de figuras consagradas como Joaquim Manuel de Macedo, Araújo Porto-Alegre, José de Alencar e Gonçalves Dias. Publicou suas primeiras poesias na *Motomota Fluminense*, editada por Paula Brito, e antes de voltar ao Ceará editou o livro *Prelúdios poéticos* (1856), em que juntou poemas esparsos. Na fazenda da serra da Aratanha teve oportunidade de estreitar ligações com os membros da comissão, ao mesmo tempo em que assumia o cargo de deputado suplente, por Icó, na Assembléia Provincial (1859). Ainda durante a estada da Comissão Científica de Exploração, Galeno publicou: *A machadada* (1860), *Porangaba* (1861) e *Que com ferro fere com ferro será ferido*, comédia levada à cena em Fortaleza em novembro de 1861. Sua principal obra, *Lendas e canções populares* (1859), que afirmam alguns críticos ter sido escrita por influência de Gonçalves Dias, tornou-se um clássico. A segunda edição, publicada em Lisboa em 1892, traz juízos críticos de Pinheiro Aragão, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis (Stuart, 1913, v. 2,

p. 230-4). Galeno permaneceu em Pacatuba até 1887, quando se mudou para Fortaleza para assumir o cargo de bibliotecário público até 1908, quando a seguir tomou conta de sua vista, obrigando-o a afastar-se dessa função. Na casa em que viveu a última fase de sua longa vida funciona hoje a *Casa de Juvenal Galeno*, fundada pela filha, Henriqueta Galeno.

73. Rio do Sangue: atualmente denominado Jaguaratama, foi a primeira sede do atual município de Jaguaribe. A antiga povoação pertencia à comarca de Aracati e à freguesia de Russas.
74. Os relatos sobre o *Antecristo* (aquele que antecedeu a Cristo, e não a besta do Apocalipse) circulavam tanto na tradição oral como na escrita, aparecendo comumente nas representações populares, assim como nas eruditas, desde os tempos medievais. No Brasil tornou-se conhecida a história de um padre exorcista de Salvador, na Bahia, narrada por Laura de Mello e Souza (1993), cujas fórmulas de cura eram colhidas em livros condenados pelo Santo Ofício e nos herbários de domínio popular. Tratava-se de um praticante como muitos outros, que se valiam de manuais tradicionais portugueses, como *O mestre da vida* ou *Cura de malefícios*, mesclando suas receitas às práticas dos curandeiros de origem indígena e africana.
75. O pioneiro da colonização das terras às margens do rio Canindé foi Francisco Xavier de Medeiros, que junto com outro sesmeiros iniciou a construção de uma capela em homenagem a São Francisco, em 1775, inaugurada 20 anos depois. Conta-se que, durante a construção da igreja, um operário salvou-se da morte ao cair das alturas e que, ao perder o equilíbrio, gritara por São Francisco e fora seguro no ar pelas mãos do santo. A notícia do milagre aumentou a devoção e o fluxo de visitantes à capela de São Francisco do Canindé. No final do século XIX, quando o povoado crescera rapidamente, chegaram a Canindé oito capuchinhos da província de São Carlos de Milão. Construiu-se, então, a basílica de Canindé, inaugurada em 1915, bem como outras obras sociais e religiosas, incluindo dois colégios. Com a transferência dos padres para o Maranhão, as atividades dos capuchinhos foram assumidas pelos frades franciscanos, hoje responsáveis pelas tradicionais romarias ao padroeiro da cidade, as quais ocorrem entre os dias 27 de setembro e 4 de outubro, dia de São Francisco (Sampaio Filho, 2003, p. 61-2).
76. Dando seqüência às suas provocações, agora Capanema visa ao Gabinete do governo do Império eleito em 1860, sob a presidência de Caxias, composto por sete pastas, daí a alusão a "septemvirato".

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS

A) FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

CAPANEMA, Guilherme Schüch. *Ziguezague da seção geológica da Comissão Científica do Norte*. Manuel Francisco de Carvalho. *Diário do Rio de Janeiro*, 11, 12, 13, 1860; 11, 13, 16 nov. 1860; 16, 27, 28, 30 out. 1861; 12, 14, 26, 27 nov. 1861; 7, 17, 20 dez. 1861; 1, 3, 18, 19 mar. 1862; 1, 14 maio 1862; 16 jun. 1862. Seção de Obras Raras.

Ziguezague da seção geológica da Comissão Científica do Norte. Correspondência enviada do Ceará, a um jornal carioca pelo Dr. Guilherme S. de Capanema. Volume encadernado em "provas de escova", de p. 1 a 28 e de p. 1 a 70, 1860-1862. Sem data e sem autor da edição. Seção de Obras Raras, nº 4, 6, 8A.

Trabalhos da Comissão Científica de Exploração I, 1862-63. Seção de Manuscritos IMP 12, 3, 18.

B) INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, RIO DE JANEIRO

BARBOSA, Antônio da Cunha. *Esboço bio-bibliográfico do Dr. Capanema*. Rio de Janeiro, [s.d.]. Lata 8, Doc. 8.

DIAS, Antônio Gonçalves. Carta ao pai [sogro], Cláudio Luís da Costa - Ceará, 20/4/1859. Coleção Marquês de Olinda. Lata 216, Doc. 41.

OLINDA, Marquês de. *Instruções do Ministério dos Negócios do Império a Capanema sobre providências a tomar para, aproveitando o oferecimento da Imperial Sociedade Zoológica da França, tentar a introdução de dromedários no Brasil*. Rio de Janeiro, jul./ago. 1857. Lata 216, Doc. 41. Coleção Marquês de Olinda.

PESSOA, Francisco de Paula. Carta sobre o oferecimento da Imperial Sociedade Zoológica da França para a introdução de dromedários no Brasil. Rio de Janeiro, jul./ago. 1857. Coleção Marquês de Olinda. Lata 216, Doc. 41.

Relatório do investigador que, por parte de alguns membros da Comissão Científica enviada pelo governo a Fortaleza - Ceará, apurou os escândalos e desmandos ali provocados por Capanema e outros (entre os quais Gonçalves Dias). Rio de Janeiro, 14 set. 1865. Coleção Marquês de Olinda. Lata 209, Doc. 29.

C) JORNAIS

Diário do Rio de Janeiro, 1860-62

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1859-60

Gerardo da Silva. *João da Silva Feijó: um naturalista no Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1978.

OLIVEIRA, João. *Fortaleza velha*. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1981.

QUEIROGA, Paulino. *Presidentes do Ceará durante a monarquia*. 3 v. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1889.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará - Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. 2001. Tese de doutorado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Cássia Helena Salles. Movimento de Independência no Rio Grande do Norte. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; Natal: Ed. UFRN, 2003, p. 205-8.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição*. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PÁDUA, M. Arair Pinto. *A elite política no Ceará provincial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

PEDRO, H. Dom. *Vagões pelo Brasil*: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859/1860. Prefácio e notas Lourenço Luis Lacombe. 2. ed. Rio de Janeiro: Bona Texto; Letras e Expressões, 2003.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. Barão de Capanema, 1824-1903. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, a. 7, n. 1, p. 141-42, jan.-mar. 1945.

PINHEIRO, Francisco José. O homem livre-pobre e a organização das relações de trabalho no Ceará. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 20/21, n.1/2, p.199-256, 1989/90.

PINHEIRO, Raquel. *As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schüch de Capanema*. 2002. Dissertação de mestrado - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1970.

PLANTZ, Carl Robert von. *Doze meses do Rio de Janeiro*. Hamburgo: Specker & Co., 1860.

POSTAL, Robinson, Tomás. *Esboço fisiográfico do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.

_____. Topônimos indígenas dos séculos XVI e XVII na costa cearense. *Revista do Ins-*

Anderson Morais, **Desenhos de fim de Tarde**
Caneta Permanente sobre pagina de Livro ,
2020
34 x 38 cm